

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

E A VIDA CONTINUA

23 de Julho de 2020

### THE ART OF AMÁLIA / A ARTE DE AMÁLIA / 1999

um filme de BRUNO DE ALMEIDA

*Realização:* Bruno de Almeida *Argumento:* Bruno de Almeida, Frank Coelho, Artur Ribeiro *a partir de textos de* Vítor Pavão dos Santos *Fotografia:* Mustapha Barat *Montagem:* João Asensio *Narração:* John Ventimiglia (versão internacional), Joaquim de Almeida (versão portuguesa), Maria de Medeiros (versão francesa) *Com:* Amália Rodrigues.

*Produção:* EMI Valentim de Carvalho *Produtor Associado:* Arco Filmes (Portugal, 1999) *Produtor:* Manuel Falcão *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto & branco e cor, 94 minutos (versão internacional legendada electronicamente em português no texto da narração) *Estreia Mundial:* 8 de Dezembro de 2000, em Nova Iorque (Quad Cinema New York) *Primeira apresentação pública do filme em projecção 35 mm em Portugal:* 25 de Julho de 2006, na Cinemateca, na rubrica “Abrir os Cofres” (editado em DVD pela EMI Valentim de Carvalho em Julho de 2004).

#### COM A PRESENÇA DE BRUNO DE ALMEIDA

---

O filme de Bruno de Almeida é de 1999, estreou mundialmente em Nova Iorque em 2000 e circulou em território americano com um assinalável êxito público, confundindo-se o gosto pelo filme com a descoberta do génio artístico de Amália Rodrigues, o que quer dizer que THE ART OF AMÁLIA se propôs ao público americano como a revelação da arte de Amália prometida no título. Em Portugal, o filme saiu directamente no mercado DVD em 2004 tornando-se rapidamente um êxito de vendas, mas foi tudo. Ficou por ver em sala. Até que a Cinemateca o exibiu, pela primeira vez em cópia 35 mm, em 2006.

A história completa da “invisibilidade relativa” do filme explica que a sua existência em película seja exclusivamente na versão internacional que vamos ver (a versão com narração em off em inglês é a única de que foram feitos materiais 35 mm, negativos e positivos). Também requer pormenores: THE ART OF AMÁLIA parte da série televisiva de cinco horas (uma por programa numa série de cinco) realizada por Bruno de Almeida para a Valentim de Carvalho em 1994, “Amália, Estranha Forma de Vida”, em que este se confrontou com 150 horas de imagens de arquivo, fruto de um trabalho de pesquisa em que esteve envolvida uma equipa de cinco pessoas e teve como resultado a constituição de um acervo fundamental de imagens vindas um pouco de todo o lado a começar pelos próprios arquivos da Valentim de Carvalho que desde os anos 60 promoveu o registo de imagens de Amália. Muito desse material Valentim de Carvalho desapareceu num incêndio, mas parte dele, filmado por Augusto Cabrita, sobreviveu, foi recuperado por Bruno de Almeida e está no filme, que envolveu igualmente a recolha de imagens inéditas em Portugal, entre “clips”, registos de concertos, imagens de actualidades ou participações em programas televisivos, que chegaram de França, Itália, Roménia, Tunísia, do Brasil, dos Estados Unidos ou do Japão.

Em Portugal, além do arquivo da própria Valentim de Carvalho (incluindo as gravações fonográficas, algumas nunca editadas em disco), as imagens recolhidas vieram dos “suspeitos do costume” – da Cinemateca (fotografias, excertos dos filmes de Amália ou um “teledisco *avant la lettre*” de Augusto Fraga, O FADO MALHOA, de 1947), da RTP (as gravações televisivas) e do Museu do Teatro (fotografias e publicações coleccionadas ao longo dos anos por Vítor Pavão dos Santos). Antes da montagem, feita entre

Portugal e Nova Iorque onde Bruno de Almeida vivia na época, todo este material foi visionado pelo realizador e por Amália e os dois fizeram uma entrevista que é a espinha dorsal do filme (ou antes, *dos filmes*, “Amália Estranha Forma de Vida” e THE ART OF AMÁLIA), realizada em cinco noites de Agosto de 1994 na casa de Amália no Brejão. É a única entrevista do filme e é dela, numa opção inteligente de Bruno de Almeida que escolheu centrar-se em Amália através do discurso directo e sobretudo da música.

Excepção feita à narração em off (John Ventimiglia nesta versão internacional), nem por isso demasiado impositiva, não há outras vozes. Não há depoimentos de um círculo de próximos, não há testemunhos de entendidos. É exclusivamente da voz de Amália que o filme vive, seja através das suas palavras (a entrevista a Bruno de Almeida) ou das suas canções (há muitos momentos musicais, representando a maioria dos fados mais célebres de Amália). E claro, com a voz vem a presença, a presença de Amália que participa do mistério de Amália, a que Bruno de Almeida se dedica no filme. Montado à volta da entrevista e recorrendo às interpretações musicais de Amália também como elementos narrativos, como acontece com “Amália, Estranha Forma de Vida”, THE ART OF AMÁLIA importa também os universos das décadas que a história de Amália atravessa pela sinalização dos estilos visuais, como sucede na montagem “glamourosa” de imagens de aviões nos anos 40 (imagens de Augusto Cabrita) a descolar de Lisboa para um *raccord* com o letreiro dourado que dá as boas vindas a quem chega a Hollywood.

THE ART OF AMÁLIA compõe um retrato, o de Amália, artista genial capaz de tocar o público para lá de eventuais fronteiras, geográficas ou linguísticas. Há toda uma série de imagens a dar conta da internacionalização da sua carreira, que aconteceu cedo e foi estonteante em várias épocas e de várias formas: na Europa, sobretudo em França (que a descobriu através do cinema, no filme de Henri Verneuil LES AMANTS DU TAJE, de 1956, em que ficou célebre a interpretação de “Barco Negro”, e lhe abriu de vez as portas à carreira internacional com o primeiro concerto no Olympia e de uma forma de tal maneira delirante que logo em 1959 a *Variety* a designava como uma das quatro melhores vozes mundiais, como se diz no filme) e Itália (que percorre em longas temporadas no início dos anos 70 e onde grava um disco em napolitano); também no Brasil (onde em 1945 faz a série de gravações em 78 rotações com que arranca a sua obra discográfica, ligada à Valentim de Carvalho desde o início dos anos 50); no México (por onde passa em estadias prolongadas nos anos 50); no Japão (nos anos 70 e 80). Mas bastaria notar um plano de THE ART OF AMÁLIA que é transparente a este nível, quando assistimos a um contra-campo de Amália durante um concerto no Japão, com a plateia de japoneses absolutamente rendida a ela e a entoar a música dela.

Seguindo o filme de Bruno de Almeida que, além da composição de um retrato e de “filme compilação”, é uma autêntica caixinha de surpresas, segue-se a dimensão do “fenómeno Amália”. Conhece-se o êxito popular em Portugal, a entrada triunfal no cinema em 1947 com dois filmes, CAPAS NEGRAS (de Artur Miranda) e FADO HISTÓRIA D’UMA CANTADEIRA (de Perdigão Queiroga), a conquista dos públicos dos quatro cantos do mundo, mas conhece-se menos a real dimensão dessa popularidade. Por exemplo: num tempo em que ainda não havia televisão em Portugal e que a entrada da Coca Cola em território nacional estava interdita por Salazar, Amália é convidada de um “talk show” da NBC patrocinado pela Coca Cola, “Coke Time” de Eddie Fisher, que ao lado de Don Ameche, a apresenta pela primeira vez na televisão em 1953. As imagens, descobertas em casa do próprio Eddie Fisher que se convenceu a cedê-las a Bruno de Almeida depois de este o ter posto a conversar ao telefone com Amália, estão no filme. Como outras, igualmente apetecíveis, por exemplo as da sua actuação como estrela convidada de uma gala do Festival de Cannes uma década mais tarde. Ou as arrepiantes imagens de Amália, em 1965, a cantar “Aye, Mourrir Pour Toi” escrito para ela por Charles Aznavour.

Podíamos continuar a referir o elenco da “caixinha de surpresas”, mas resistamos à tentação chamando apenas a atenção para a sequência particularmente tocante do dueto entre Amália e Alain Oulman filmada durante um ensaio nos estúdios da Valentim de Carvalho em 1989. O compositor “que a adivinhou”, como ela diz resumindo eloquentemente o encontro decisivo com Oulman iniciado em 1962.

A dimensão da vida íntima é reservada e quase não há indicações de biografia pessoal, tirando, talvez, a menção ao período em que Amália foi acometida por uma depressão profunda na sequência de uma doença cujo medo ultrapassou graças... a Fred Astaire. Contada por ela várias vezes, a história tornou-se famosa: quando soube sofrer de uma enfermidade grave que a obrigava a uma operação a que temia submeter-se, Amália fechou-se num quarto de hotel com a filmografia em vídeo de Fred Astaire por companhia até que um dia o gosto de viver lhe voltou. Repetida para a câmara de Bruno de Almeida, a história ganha brilho e dá lugar ao presente de uns segundos de Fred Astaire em *BLUE SKIES* (Stuart Heisler, 1946), o único filme de Astaire de que nessa altura Amália não conseguiu uma cópia VHS e que Bruno de Almeida lhe ofereceu durante a preparação do filme.

As imagens de Fred Astaire estão no filme, a questão da oferta de Bruno de Almeida não, fica contada como indiscrição. Mas a cumplicidade criada entre os dois está por inteiro nas entrelinhas deste filme, o terceiro de Bruno de Almeida sobre Amália: conheceram-se em Nova Iorque em 1990 quando Bruno de Almeida filmou *AMÁLIA, LIVE IN NEW YORK*, filme-concerto da actuação dela no Town Hall, que o conduziu à encomenda da Valentim de Carvalho, a “Amália, Estranha Forma de Vida” e a *THE ART OF AMÁLIA*, prolongando-se ainda no filme tributo *AMÁLIA-EXPO 98* realizado a convite da Expo 98. Neste *THE ART OF AMÁLIA*, o público de Amália encontra Amália e o público que toma contacto com ela descobre-a numa rendição incondicional. Foi o que se passou na longa temporada em que esteve em cartaz nos Estados Unidos, como o entusiasmo das recensões críticas testemunha e quem assistiu a algumas delas bem sabe (a abertura de David Byrne sinaliza a receptividade excepcional de Amália). Nem era preciso dizê-lo. Quem ler esta “folha” a seguir à sessão está esclarecido.

Maria João Madeira